ENTREVISTA *Yannick Vanderborght*

‘Bolsa para todos, até para os ricos’

Fabrícia Hamu

Pagar um salário mensal a todos os cidadãos, independente do fato de serem ricos ou pobres, de estarem desempregados ou não. Para o cientista político belga e autor do polêmico livro Renda Básica da Cidadania,*Yannick Vanderborght, essa é a melhor forma de combater a pobreza e o desemprego. “Pode parecer utópico, excêntrico, mas é o que funciona”, garante. “Não se pode tentar ajudar apenas a classe pobre, porque não se sabe quantas pessoas estão nessa categoria. Ninguém conhece exatamente a extensão da pobreza”, alega. Amanhã, Vanderborght lança seu livro no Brasil, durante o Seminário Internacional Desenvolvimento e Vulnerabilidade, realizado no Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. A vinda do belga ao País coincide com o momento em que a promessa de programas de bolsa e renda às famílias pobres virou febre entre a classe política. “É preciso ter cuidado com isso. Quanto mais programas de renda, maior é a possibilidade de haver corrupção e malversação de recursos”, adverte. De Louvain, na Bélgica, Vanderborght concedeu a seguinte entrevista ao* POPULAR*:*

Álbum de família

PERFIL

YANNICK VANDERBORGHT é Ph.D em Ciências Políticas e coordenador de pesquisas do Fundo Nacional de Pesquisa Científica da Bélgica. Autor do livro *Renda Básica da Cidadania*, também já publicou diversos artigos e estudos científicos sobre programas de renda. É professor da disciplina de Estudos Comparados de Proteção Social da Universidade Católica de Louvain, na Bélgica

A idéia de pagar um salário fixo a todos, mesmo para as pessoas que são ricas ou têm emprego, não é incoerente?

Há vários paradoxos nessa idéia, difíceis de serem compreendidos no debate público. As pessoas me perguntam se não seria melhor dar dinheiro diretamente aos pobres. Mas para dar dinheiro aos pobres, primeiro é preciso saber quem está nessa categoria. E essa é uma pergunta difícil de ser respondida, porque ninguém sabe a real extensão da pobreza, não há um controle preciso desses dados. Geralmente, a população pobre recebe dinheiro muito tarde, porque precisa primeiro comprovar que não dispõe de uma renda mínima, e esse processo é demorado. No caso da renda universal, isso não acontece porque o pagamento é automático e incondicional. Além disso, ela é financiada pelos ricos, através dos impostos que deles são cobrados. A maior vantagem do sistema é garantir que todo mundo será atendido.

Como o Estado pode financiar um programa desse tipo?

A resposta varia muito de um país para outro. As simulações econômicas em países da Europa mostram que é possível fazer isso. Já no Brasil, onde há mais dificuldades orçamentárias, algumas adaptações podem ser feitas. Com a adoção da renda universal, todos os outros programas de fornecimento de renda serão suprimidos. Além disso, o governo deve promover um ajuste fiscal, não para aumentar os impostos que a parcela mais rica da população paga, mas para suprimir algumas isenções e deduções. Suprimindo esses nichos fiscais e unificando o sistema de pagamento dos benefícios, creio que é possível financiar o programa. Talvez no Brasil seja um pouco mais complicado implantar a idéia de forma imediata, mas penso que um dos caminhos seria implantar uma renda universal para a infância, de forma que todas os casais com filhos recebessem um salário mensal. Seria menos oneroso do que aplicar a renda universal e ajudaria muitas famílias a sair da pobreza.

Mas essa renda para a infância seria paga de acordo com o número de filhos ou para cada família?

Depende da situação orçamentária do país. Na Bélgica temos um programa desse tipo, no qual o poder público paga um salário mensal para cada família, proporcional ao número de filhos. Quanto mais filhos, mais renda o casal recebe. Mas é claro que não se pode deixar de levar em conta o impacto demográfico que uma medida dessas pode causar. Na Europa temos baixa natalidade, mas em outros países isso pode estimular os casais a terem filhos e causar uma explosão demográfica. Nesse sentido, creio que para países em desenvolvimento, como o Brasil e outras nações da América Latina, o melhor seria que o governo pagasse um salário único para cada família, independente do número de filhos.

Esse programa não poderia incitar muitas pessoas a deixar de procurar emprego, já que fornece renda incondicionalmente?

Creio que não. Normalmente, a família começa a receber o benefício do governo e, tão logo consegue elevar um pouco sua renda, é suspensa do programa. Entretanto, o fato de um pai ou de uma mãe de família terem aumentado seus ganhos mensais não significa que conseguiram sair da linha de pobreza. Na maioria das vezes, indica apenas que estão menos pobres do antes. E quando se vêem sem o benefício que recebiam antes, essas pessoas têm mais dificuldade de se manter em empregos melhores e de corresponder às expectativas do mercado de trabalho. Não podem estudar, se especializar e crescer. Como se vê, os atuais programas de renda acabam reforçando a inatividade e o desemprego. Com a renda universal, as pessoas teriam chances de se preparar melhor e de buscar postos de trabalho com boa remuneração, o que diminuiria de forma considerável o número de trabalhadores que vivem de subemprego.

> *“Não é ideal que haja vários tipos de programa de renda para as pessoas pobres. Mais chances há de corrupção e de desvio dos recursos.”*

Programas desse tipo não podem se tornar um instrumento de propaganda política ou favorecer a corrupção e a malversação dos recursos?

Não subestimo a utilização política desses programas. O fato de terem se multiplicado é preocupante. Não é ideal que haja vários tipos de programa de renda para pessoas pobres. Quanto maior é o número desse tipo de iniciativa, mais chances há de corrupção e desvio de recursos. Principalmente no Brasil, que é um país muito populoso e onde boa parte da população necessita de ajuda, programas assim rapidamente atingiriam somas astronômicas. Gerenciá-las de forma pulverizada é um risco grande. Para que haja maior transparência e eficácia na transferência dos recursos, o melhor é que o processo seja unificado. É por isso que defendo a renda universal. Ao se pagar o benefício a todos, de forma automática, não há razão para que funcionários ou dirigentes públicos queiram desviar recursos, pois ninguém estaria interessado em suborná-los e a prestação de contas seria mais fácil de ser feita.

Como esses programas funcionam na Europa?

A renda universal, da maneira que defendo como solução ao problema da pobreza e do desemprego, ainda não existe em lugar nenhum. O que temos hoje na Europa são dispositivos muito generosos, com destaque para a Bélgica e a França, mas que possuem um público-alvo muito bem definido. Normalmente, eles visam as famílias com filhos ou os desempregados. Pode-se dizer que a maioria dos países da União Européia tem hoje uma renda mínima social que é generosa, e que cobre grande parte da população. Apenas os países do Sul, como Espanha, Itália e Grécia contam com dispositivos locais, menos abrangentes. Na Itália a transferência de renda ainda depende muito da Igreja e da caridade pública, mas nada é discutido verdadeiramente pelo Estado. Portugal foi o último país da União Européia a instaurar o programa de renda mínima. Eles o criaram somente em 1997, mas hoje a iniciativa funciona bem. Mas os países mais adiantados no que se refere a esse tipo de programa são os escandinavos. Suécia, Noruega e Dinamarca pagam salários às famílias pobres bem maiores que aqueles pagos pela França e pela Bélgica – os dois países europeus que mais se destacam nesse aspecto.

O que é preciso fazer para combater a desigualdade social no Brasil?

Uma das principais medidas é investir na infância, para impedir a reprodução da pobreza. Esse é um desafio não apenas no Brasil, mas também em países como a Grã-Bretanha, onde uma criança a cada três vive na pobreza. É preciso dar condições a esses menores, de forma que se desenvolvam, estudem e quebrem o ciclo de privação vivido por seus pais. A renda familiar universal pode ajudar essas famílias.

LEIA MAIS SOBRE PROGRAMAS SOCIAIS NAS PÁGINAS 15, 16 E 17

Alessandro Bianchi/Reuters

Novecentos soldados italianos chegam ao Líbano

O primeiro contingente para a ampliação da força de paz internacional no Líbano, a Finul, chegou ontem a Tiro, no sul do país. Trata-se de 900 soldados italianos, o primeiro grupo de um total de 3 mil militares prometidos pela Itália para a Finul. Armados de fuzis e usando os capacetes azuis das forças da ONU, um grupo de marines desembarcou de helicópteros (foto) *e botes vindos do porta-aviões Giuseppe Garibaldi, que partiu quarta-feira de Brindisi, no sul da Itália. Os italianos formarão o maior contingente da Finul, que tinha apenas 2 mil soldados e passará a contar com 15 mil este mês. A Itália comandará a Finul a partir de fevereiro, sucedendo a França. São esperados para as próximas semanas 2 mil franceses, mil espanhóis e outros mil indonésios.* **(AGÊNCIA ESTADO/AP)**

NATUREZA

Ernesto e John fazem estragos

Washington - A depressão tropical Ernesto causou cinco mortes e deixou mais de 400 mil pessoas sem eletricidade em Maryland, Washington, Carolina do Norte e Virginia, em sua passagem pela costa leste dos EUA. A tormenta, que no início da semana chegou a se transformar brevemente em um furacão, vem perdendo força desde que tocou terra na quinta, na Carolina do Norte, como tempestade tropical.

Ainda assim, Ernesto castigou o Estado com chuvas fortes. A Administração Nacional para a Atmosfera e os Oceanos (NOAA, em inglês) manteve alerta de inundações para Carolina do Norte, Virgínia e Delaware.

Os moradores das regiões litorâneas de New Jersey, Maryland e Virginia também foram advertidos sobre possível cheias, assim como de inundações em New Jersey e Nova York. Ernesto se mantinha ontem com ventos de 80 quilômetros por hora.

No México, o furacão John atingiu a península de Baja California ontem, depois de causar estragos durante a noite, com ventos fortes e chuvas torrenciais que cortaram a energia desta região. Equipes de resgate começaram a avaliar os danos e possíveis mortes em La Paz, onde vivem cerca de 200 mil pessoas. La Paz é a capital do Estado de Baja California Sur, onde estradas ficaram inundadas.

Na extremidade ocidental da península, no balneário de luxo de Los Cabos, milhares de turistas foram levados a abrigos. Hotéis cinco estrelas em Los Cabos colocaram hóspedes em colchões nas salas de conferência na sexta-feira, mas todos voltaram a seus quartos ontem. **(AGÊNCIAS ESTADO/AP E REUTERS)**

Daniel Aguilar/Reuters

Casal enfrenta rua alagada no balneário luxuoso de Los Cabos, no sul do México